

Suplemento Cultural

A Academia e as veredas emotivas de Rosa (as pessoas não morrem: ficam encantadas)

RUBENIO MARCELO – POETA ESCRITOR
E SECRETÁRIO-GERAL DA ASL

Nesta quinta-feira p.p., a nossa amiga e confeitaria Maria da Glória Sá Rosa (Profª. Glorinha) ministrou uma belíssima palestra sobre o escritor Guimarães Rosa. Como pauta cultural da nova programação do 'Chá' da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, o evento contou com presenças de acadêmicos e convidados especiais da ASL. Escritora e palestrante, Glorinha é a titular da Cadeira 19 da Academia (que tem como Patrono o autor de "Grande Sertão: Veredas").

Foi em 1963, aos 55 anos de idade, que João Guimarães Rosa (mineiro, de Cordisburgo), em pleno viço de talento, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras – esta vitória foi comemorada por familiares e amigos. Mas ele não marca a data para a sua posse – consta que receava não suportar a sensação do especial momento (nutria um pressentimento de que o seu coração pararia de bater, ante o abalo emocional que se apoderaria de si). E teria sido por isto que ele adiou por quatro anos a importante solenidade.

Enfim, a 16/11/1967 (quatro anos após sua eleição), é confirmado o solene evento: Rosa, aos 59 anos, no auge da sua carreira, decide atender a todos e encarar a temida emoção. Assim, elegante, vestido com seu fardão, transpõe os umbrais do Silogeu de Imortais e, após ser saudado, cumprindo as formalidades, assina o termo de posse e, perante maciça presença de atentos espectadores, profere o seu discurso: com voz embargada, ele fala cerca de hora e meia. Durante este tempo, várias vezes, rolaram lágrimas no seu rosto tenso.

À guisa de parêntese, vale-se ressaltar que o consagrado escritor, que também era médico, havia inclusive

“

Consta que, no ano da sua morte, (Guimarães Rosa) seria indicado para o Nobel de Literatura, pois seu prestígio internacional (...) e a sua obra havia alcançado esferas inimagináveis.”

(conforme consta) buscado ajuda – com relação ao controle da respiração e voz – consultando-se com um colega, nos dias que antecederam a cerimônia, temendo passar mal na tribuna do Sodalício. Entretanto, na Academia, tudo transcorreu com certa normalidade... E a tão esperada posse acadêmica finalmente acontecia, para júbilo de todos.

O presságio do supersticioso (ou seria misterioso?) Rosa não se concretizara (pelo menos na ocasião da investitura, como ele tanto temia) – mesmo emocionado, suportou os arrebatedores sentimentos que se lhe acercaram naquela noite em que foi empossado na mais alta entidade literária do País.

Mas, infelizmente, esta alegria não chegaria ao final daquela semana –



O autor de "Grandes Sertões: Veredas", João Guimarães Rosa, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras – 16.11.1967.

passados apenas três dias, a 19/11/67, ele falece vitimado por um colapso cardíaco – morreu de repente, no seu apartamento no RJ. Consta que, no ano da sua morte, seria indicado para o Nobel de Literatura, pois – além do seu prestígio internacional como literato e diplomata – a sua obra havia alcançado esferas inimagináveis.

Frente a este curioso fato envolvendo o passamento do preexcelso intelectual cordisburguense, um intrigante questionamento ainda paira: – teria aquele enigmático escritor recebido, em transcendente antevisão, o 'aviso sobrenatural' de que estaria chegando a sua hora do juízo (e, assim, côncio de que tinha apenas poucos dias de vida, resolveu então

não partir sem a sua merecida posse na Academia)?

Tudo é possível. Com perfeito esplendor nasce a luz da verdade, os sublimes desígnios da Essência. Aliás, o próprio Rosa escreveu (em "O Recado do Morro", do seu livro Corpo de Baile): "... Toda a lógica contém inevitável dose de mistificação. Toda mistificação contém boa dose de inevitável verdade". Ressalte-se ainda que, no trecho final do seu discurso acadêmico, consta que ele se refere à morte, repetindo a expressão que ele sempre mencionava: "as pessoas não morrem, ficam encantadas".

E, certamente, é lá – nas etéreas plagas encantatórias – que ele se encontra. Ave, Guimarães Rosa!

POESIAS

PUERIL

Mulher.
Cheiro de terra,
pela raiz que provoca.
Brisa de vento,
pelo frescor que causa.
Água de chuva,
pelas gotas que nos faz chorar.
Flerte de sol,
pela vida na qual nos cria.
Lua de esperança,
pelo banho de amor que nos dá.
Paisagem eterna,
pela flora em que transforma
nossos corações.

HENRIQUE DE MEDEIROS

AO MEU AVÔ "TITIO"

(Para José Pereira da Rosa Filho,
pelos 49 anos de saudade)

Evoco em sonhos auras já vividas
Na vertigem das horas vesperais...
E vejo a imagem sã, com tantas vidas,
Do meu finado avô pelos currais...

Eu, no "ingênuo folgar", e ele, nas lidas
— Bolsa de sal ao ombro, e os animais,
Já mugindo, a tangê-lo com lambidas
Aos cochos, que hoje o não verão jamais!

Mas, se às vezes visito a tal fazenda,
De cada cocho vem saudade horrenda
E de cada saudade esta visão:

Em vez de cocho para o sal do gado,
Nele vejo o vovô "Titio" deitado,
Pelas reses velado __ em seu caixão!

GERALDO RAMON PEREIRA

AGROVAL

...onde pulam vermes de animais
E plantas e subjaz um erotismo
Criador genético.

M. Cavalcanti Proença

MANOEL DE BARROS

Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraias enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo, – e se enterra. Ali vai passar o período da seca. Parece uma roda de carreta adernada.

Com pouco, por baixo de suas abas, lateja um agrolval de vermes, casquidos, girinos e tantas espécies de insetos e parasitas, que procuram o sítio como um ventre.

Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura, é como um grande tumor que lateja.

Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida, que germinava no brejo, transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia. É o próprio gromel dos casquidos!

Penso na troca de favores que se estabelece; no mutualismo; no amparo que as espécies se dão. Nas descargas de ajudas; no equilíbrio que ali se completa entre os rascunhos de vida dos seres minúsculos. Entre os corpos truncados. As teias ainda sem aranha. Os olhos ainda sem luz. As penas sem movimento. Os remendos de vermes. Os bulbos de cobras. Arquétipos de carunchos.

Penso nos embriões dos atos. Uma boca disforme de rapa-canua que começa a querer se grudar nas coisas.

Rudimentos rombudos de um olho de árvore. Os indícios de ínfimas sociedades. Os liames primordiais entre paredes e lesmas. Também os germes das primeiras ideias de uma convivência entre lagartos e pedras. O embrião de um mussum sem estames, que renega ter asas. Antepassados de antúrios e borboletas que procuram uma nesga de sol.

Penso num comércio de friscos e de asas, de sucos de sêmen e de pólen, de mudas de escamas, de pus e de sementes. Um comércio de cios e cantos virtuais; de gosma e de lén-deas; de cheiro de íncolas e de rios cortados. Comércio de pequenas jias e suas conas redondas. Inacabados orifícios de tênis implumes. Um comércio corcunda de armaus e de traças; de folhas recolhidas por formigas; de orelhas-de-pau ainda em larva. Comércio de hermafroditas de instintos adesivos. As veias rasgadas de um escuro besouro. O sapo rejeitando sua infame cauda. Um comércio de anéis de escorpiões e sementes de peixes.

E ao cabo de três meses de trocas e infusões, – a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olho de feto fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas.

É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza.

Uma festa de insetos e aves no brejo!

Simulacro e essência

LUCILENE MACHADO

Desculpe João, se abro o coração em praça pública. Quando me apaixono, o nível de burrice se eleva enormemente e a Inteligência se fragmenta em milhares de partículas. Claro que eu nunca fui dotada de uma inteligência privilegiada, meu pensamento nunca ultrapassou as teorias já existentes, tampouco eu soube fazer uso delas nas horas devidas. Escrevo porque sou refém das palavras, preciso delas para unir os destroços de inteligência, fragmentados em letras díspares, que extrapolam as margens do meu entendimento. Escrevo para saber o que penso e sinto, e para ser aquela que não conseguí ser. Escrevo sobre a metade das coisas, a metade que me pertence, a metade que entendo. A outra metade talvez seja a que me explique, mas não forço a vida. Sou condescendente com o improvável. Difícil compreender? Para os carentes de fantasia este relato é inútil. O que vou escrever nada mais é que um recorte da realidade atravessada pelo sonho. A arte de fantasiar é a mesma para produzir milagres, é a mesma que veste as palavras de emoção para serem vendidas em paginas de livros. Às vezes são vendidos em tendas, aos quilos, pesados em balanças, a preços módicos. Frases sofisticadas ou rústicas que atam, como cordas, até os mais avisados. Aprendi cedo que seria difícil lidar com isso. Comecei com certa precaução. Media as palavras, palmo a palmo, para ver até onde elas poderiam chegar. Minhas mãos engrossaram pelo trabalho de lapidação. Espichava os vocábulos, puxava as tardes pelas beiras, moldava os sons com o fim de criar laços sinestésicos

que fossem indissolúveis. Aprendi a diferenciar estruturas, a separar palavras pelo tato, a ousar nas envergaduras, mas nada foi bastante para me proteger, para me poupar dessa engenhosa armadilha inerente à realidade.

Não sei se existe explicação lógica para justificar os atos sentimentais, mas eu sabia, eu juro que sabia que os arcos daquele sonho iriam ruir. Eu sonhava e falava, e a palavra ia ficando maior do que o sonho. E o sonho ia entrando na palavra, e a palavra ia roubando o sonho... Fiquei cativa da palavra impiedosa e do seu tom racional.

Eu sempre soube, João, que o meu amor era maior que o seu, e isso já era uma dor antecipada. A memória do futuro me oprimia. Cada vez que você não era meu. Cada vez que nos amávamos, mesmo com toda sincronia de corpos, a sensação de distância era abissal. Sua cautela para que a sensibilidade não fosse dominada pela inteligência me atingia como uma faca cega diretamente no coração. Sua paixão por Kant me causava ódio. Kant nunca conheceu o amor. E você queria ser ele. Eu também quis ser ele por várias vezes. Quis ser aquele livro velho de folhas amareladas cujas palavras construía os seus argumentos. Faria qualquer coisa para garantir a sua admiração enquanto você me impunha um silêncio devastador. Um silêncio severo, teórico. Por certo, queria me enfiar para que eu não sofresse tanto a dor da morte. Mas, não há paliativos para a morte, nem para os simulacros da morte. O amor já havia engolido tudo.

PRESENTE DE NAMORADO?

JORGE ANTÔNIO SIUFI

Joaquim Malaquias corria atarefadíssimo ao longo das lojas de um centro comercial. Parava numa loja, corria rapidamente com os olhos esbugalhados por tudo e seguia.

Cada vez mais aflito não conseguia encontrar prenda nenhuma para a namorada, para presentear-la pelo dia dos namorados.

Claro que tinha de arranjar qualquer coisinha barata, mas que ao mesmo tempo tivesse uma certa classe.

Quase a desistir, acabou por se decidir a comprar umas LUVAS EM PELE que estavam em saldo. Sempre apressado, pediu à balconista para embrulhar e foi pagar, deixando o embrulho ao lado de outro igual, só que, neste último, tinha um par de cuecas.

Joaquim Malaquias no final, com a pressa, acabou por trocar o embrulho e enviou-o para a namorada com o seguinte bilhete:

“Meu Amor:

Desejo-te as maiores felicidades pelo nosso dia. Passei em frente a uma loja e resolvi comprar-te este presente, mesmo sabendo que não costumava usar, mas eram muito bonitas e não resisti. Não sei se são do teu tamanho nem se gostas da cor, mas a empregada da loja experimentou na minha frente e eu gostei muito. Ficaram um pouco larguinhas na frente e dos lados, mas assim as mãos entram com maior facilidade, além de deixarem os dedos mais livres para se movimentarem, fazendo também com que fiquem mais fácil de tirar-las.

A vendedora da loja mandou lembrar que não te esqueças de pôr um pó de talco quando as tirares, a fim de evitar mau cheiro.

Meu amor, gostaria muito que as usasses, pois elas irão certamente agradecer aquilo que te pedirei um dia”.